

# Breviário para reparar as feridas do mundo em narrativas literárias do Brasil, de Camarões, do Marrocos e do Senegal

*Breviary to repair the wounds of the world  
in literary narratives of Brazil, Cameroon,  
Morocco and Senegal*

Humberto Luiz Lima de Oliveira\*  
Universidade Estadual de Feira de Santana

\*Professor titular de Língua e Literatura francesas da Universidade Estadual de Feira de Santana, fez seu doutorado em Literatura Comparada (Université d'Artois) e estágio pós-doc no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA. Coordena os laboratórios de pesquisa NEC-Núcleo de Estudos Canadenses e CELCFAAM-Centro de Estudos em Literaturas e Culturas franco-afro-americanas. É também contista, ensaísta, tradutor, romancista e editor da revista [www.revistacadernosdosertao.wordpress.com](http://www.revistacadernosdosertao.wordpress.com).  
e-mail: [humbert\\_oliveira@uefs.br](mailto:humbert_oliveira@uefs.br)

**Resumo:** Seja no Iraque, na Síria, na China, ou não importa onde, com diferentes intensidades, pode-se constatar uma crescente ocidentalização do mundo. De fato, sob o signo da globalização, com bens, produtos, serviços e mercadorias oferecidos pelo Mercado, ideias e sentimentos chegam aos espaços mais distantes do planeta (BOURDIEU: 1999). Quando as culturas locais parecem ameaçadas diante desta incontornável tentativa de homogeneização do mundo, com o individualismo exacerbado se tornando uma 'filosofia de vida' (LIPPMAN: 2009; CHOMSKY:2016), qual seria o papel dos intelectuais que se pensam como porta-vozes de suas sociedades? (FANON:2006) Este trabalho tem a pretensão de mostrar as soluções para sair do conflito vivido pelas sociedades brasileira, camaronesa, senegalesa e marroquina quando, sob a pressão da “moda” (HELLER: 2010), homens e mulheres são levados a integrar novas maneiras de pensar, viver, amar e trabalhar, perturbando a vida social (ACHEBE,2009; HAMIDOU KANE: 2001). Para isso, seguiremos a metodologia da Literatura comparada que nos ensinou a articular discursos os mais diversos sem perder de vista a temática comum a ligar as obras estudadas: *Tenda dos Milagres* (1969), do brasileiro Jorge Amado, *Xala* (1973), do senegalês Sembène Ousmane, *Histoire d' un vieux couple heureux* (1993), do marroquino Mohammed Khaïr-Eddine e a peça teatral *Ils ont mangé mon fils* (2007), do camaronês Jacques Fame Ndongo, que mostram como estes intelectuais obtiveram êxito em construir personagens que, sem cair nas malhas da etnicidade, conseguem estabelecer um entre-lugar como caminho para se chegar à "boa vida" (ACOSTA, 2016), sem idealizações de um suposto passado harmonioso, e recusando viver sem vínculos de pertença e solidariedade (BUBER:1989;LÖWY:2016). Nestas encruzilhadas culturais, quando vivemos sob o impacto de uma pandemia que ameaça a própria civilização ancorada no Ter e no exacerbado individualismo, de maneira antecipatória, estas narrativas celebram a justa medida, e assim propõem uma nova Política, uma nova Ética e uma nova Estética ( BOFF: 2006; GUATTARI: 2001; OLIVEIRA: 2009).

**Palavras-chave:** Literatura; sociedade; reparação; utopia; cuidado.

**Abstract:** Whether in Iraq, Syria, China, or no matter where, with different intensities, one can see a growing Westernization of the world. In fact, under the sign of globalization, with goods, products, services and goods offered by the Market, ideas and feelings reach the most distant spaces of the planet (BOURDIEU: 1999). When local cultures seem threatened in the face of this inescapable attempt at homogenization of the world, with exacerbated individualism becoming a 'philosophy of life' (LIPPMAN: 2009; CHOMSKY:2016), what would be the role of intellectuals who think themselves as spokespersons of their societies? (FANON:2006) This work aims to show the solutions to emerge from the conflict experienced by Brazilian, Cameroonian, Senegalese and Moroccan societies when, under the pressure of fashion (HELLER: 2010), men and women are led to integrate new ways of thinking, living, loving and working, disturbing social life (ACHEBE,2009; HAMIDOU KANE: 2001). To do so, we will follow the methodology of comparative literature that has taught us to articulate the most diverse discourses without losing sight of the common theme to link the works studied: *Tenda dos Milagres* (1969), by the Brazilian Jorge Amado, *Xala* (1973), by Senegalese Sembène Ousmane, *Histoire d' un vieux couple heureux* (1993), by Moroccan Mohammed Khaïr-Eddine and the play *Ils ont mangé mon fils* (2007), of the Cameroonian Jacques Fame Ndongo, who show how these intellectuals succeeded in constructing characters who, without falling into the meshes of ethnicity, manage to establish a between-place as a way to reach the "good life" (ACOSTA: 2016), without idealizations of a supposed harmonious past, and refusing to live without bonds of belonging and solidarity (BUBER:1989; LÖWY:2016). At these cultural crossroads, when we live under the impact of a pandemic that threatens civilization itself anchored in the possession of things and in the exacerbated individualism, in an anticipatory way, these narratives celebrate the just measure, and thus propose a new Policy, a new Ethics and a new Aesthetic (GUATTARI: 2001 ;BOFF: 2006; OLIVEIRA: 2009).

Key-words: Literature; Society; Utopia; Reparation; Care.

LIMA DE OLIVEIRA, Humberto. Breviário para reparar as feridas do mundo em narrativas literárias do Brasil, de Camarões, do Marrocos e do Senegal. *Légua & Meia*, Brasil, v.12, n. 2, p. 06-29, 2020.

## 1 Contexto de leitura

Ao passo que ceifa vidas aos milhares, a pandemia da Covid 19 contribui para abalar os alicerces de uma civilização que tem no Ter a razão maior de viver e que implica uma adesão irrestrita a um individualismo exacerbado, com a ausência de empatia ou compaixão, pelo Outro, não importa o seu nome, como fica patente na adoção das políticas de austeridade que prescrevem a redução do papel do Estado na vida social (BAUMAN:2007; BOFF, 2006). De modo geral, sob a pressão da moda (HELLER, 1989), homens e mulheres são levados a integrar novas maneiras de pensar, viver, amar e trabalhar, perturbando a vida social e abalando as culturas locais, com o crescente processo de desenraizamento e alienação (WEIL: 2016 ; FROMM: 2005)

Mas, se existe uma crise, abre-se uma oportunidade de reorganização do caótico, logo grande parte da humanidade propõe a adoção de outras formas de ser e viver onde o espírito do geômetra, produtivista, característico da rigidez do racionalismo e do cálculo, não prevaleça sobre o “esprit de finesse”, ou espírito de delicadeza, ou da poesia; mas que, da convergência de ambos os opostos, aconteça a emergência de um “modo de ser afetividade“ (BOFF, 2006) e, assim, em conexões contínuas, sejam criadas as condições para que se torne possível viver o Bem Viver, só possível em Comunidade, este espaço intersticial entre o individualismo e o coletivismo, pensado como utopia concreta (BUBER; 1982; FROMM: 2005; LÖWY, 2009), na medida em que

a Boa Vida ou o Bem Viver, aceita e apoia maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo o político. Diversidade que não justifica nem tolera a destruição da Natureza, tampouco a exploração dos seres humanos, nem a existência de grupos privilegiados às custas do trabalho e do sacrifício dos outros” (ACOSTA, 2016, p. 240).

## 2 A literatura em questão

É importante lembrar que todo este imaginário social que pressupõe a construção de uma personalidade *self made man*, onde se destaca um modelo único identitário, com a hierarquização de valores onde predominaria uma supremacia masculina, falocrática e monoteísta e preferencialmente branca, foi difundido e

divulgado através da Literatura, inicialmente, e depois com sua apropriação por outros veículos de comunicação. Assim, todo um imaginário social seria construído, forjado, moldado e disseminado em escala quase planetária nas sociedades ocidentais ou em processo de ocidentalização impulsionado pela globalização. Mitos, sonhos, crenças, estereótipos, símbolos, conceitos e valores nos foram passados através de imagens veiculadas pela Literatura. Até a própria ideia de Literatura, inicialmente vista como atividade ingênua e fantasiosa. Basta lembrar de Descartes considerava a imaginação como sendo a «louca da casa», necessitando, portanto, ser «controlada», «aprisionada», invisibilizada<sup>1</sup>. É importante observar que, neste imaginário social, os chamados “Outro” passam a se ver pelos olhos do Mesmo (branco, monoteísta falocrático) que considera que

[...] a pobreza é aquela do pobre, a violência, do violento, os problemas da aprendizagem, aqueles do estudante, a deficiência, do deficiente, e a exclusão, do excluído, [...], uma vez que [...] o outro funciona como o depositário de todos os males, como portador das falhas sociais». (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 128)

É desta forma que os preconceitos se disseminaram no mundo, e que, de modo eficaz, se tornariam «verdades» no coração mesmo daqueles que eram vistos e apreendidos como “Outro”, isto é, “inferior”, “diferente”, e logo em quase total incompletude. Como ajudar a desmistificar esses estereótipos negativos? Como possibilitar a construção de uma identificação que permita ao indivíduo afastar-se do rebanho, libertando-se da anulação do seu eu? (FREUD, 2017) Como contribuir para a formação de uma nova mentalidade? Se “tudo o que o mundo social fez, o mundo social mesmo pode desfazer” na feliz esperança que nos é sugerida por (BOURDIEU 1999, p.13), a literatura pode contribuir para desmistificar a construção de imagens negativas referentes ao Outro?

Claro que compreendemos a Literatura como sendo este território vasto e indeterminado, transfronteiriço, transnacional, transreligioso e transdisciplinar onde predomina o reino do possível, onde germinam, sob a tessitura do texto literário, brotos de novas formas de ser e viver junto, novas centelhas de esperanças em um novo mundo regido pelo Cuidado tanto para regular a vida pessoal como condição básica para a

---

<sup>1</sup> DURAND, Gilbert. *O imaginário, Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

reorganização da vida social.

Pensar a Literatura como sendo este campo do possível, esta terra fértil onde podem estar latentes embriões de esperança, requer do professor/da professora a reivindicação da função de crítico literário, logo a responsabilidade de ser um mediador do conhecimento. Isto quer dizer que é necessário assumir responsabilidades pelo que se ensina, questionando a relevância e a pertinência da literatura, pois é preciso

indagar dela não apenas se representa um avanço ou refinamento técnico, se acrescenta um torneio de estilo ou se é hábil ao explorar o ponto nevrálgico do momento, mas também o que acrescenta, ou suprime, às minguadas reservas de inteligência moral. Que dimensão de homem tal obra propõe? Não é uma pergunta de fácil formulação e possa ser feita com tato infalível. Mas nosso tempo não é comum. Ele encontra-se sob o peso da inumanidade, sentida em uma escala de singular magnitude e horror; e a possibilidade de destruição não está muito longe. Seria bom dar-se ao luxo de ficar à margem, mas não se pode fazer isso. (STEINER, 1988, p. 28)

### **3 As narrativas escolhidas**

Para a leitura dos textos selecionados eu busquei mapear e seguir o percurso de personagens que me apontaram para o mesmo eixo temático: a necessidade de se reconfigurar identidades e assim propor alternativas para a crise das culturas de suas sociedades. Um elo articulava estas narrativas: a encruzilhada de destinos onde as personagens principais se debatiam e desvelavam outros elos em comum: a recusa a toda forma de opressão social e o Cuidado com o Vivente, humano ou não humano, como condição para o Bem Viver ou para a Boa Vida, logo seguindo metodologias da Literatura Comparada (MACHADO E PAGEAUX, 1989). CARVALHAL, 1992; FORGET, 2001; LIMA DE OLIVEIRA, 2009), sem descuidar da Sociocrítica (BARBERIS: 1997), para realizar este percurso audacioso neste campo atravessado de conceitos e noções de vários campos do conhecimento, partindo do contexto de leitura para tentar compreender a obra literária em seu contexto de produção e sem deixar de ter clareza da perspectiva social de onde falo, pois assim como os escritores têm seus precursores, cada leitor tem sua biblioteca, virtual ou não, feita de leituras de livros e leituras de mundo.

### 3.1 XALA , de Ousmane Sembène, Senegal, 1973<sup>2</sup>:

Este romance tem como principal personagem Abdou Kader Baye que, ”*Comme tout bon musulman*” -non pratiquant- il emmena sa première épouse en pèlerinage à *La Mecque. D’où son titre ‘El Hadji’ au masculin et pour sa femme d’ “Adja”* (p. 11<sup>3</sup>). Tendo sido demitido por sua antiga militância no sindicato de professores, torna-se negociante dos ramos de alimentação e imóveis e assim obtém sua ascensão social, enriquecendo com a especulação e a falta de escrúpulos. Já na abertura do romance ele participa de uma sessão festiva na Federação do Comércio e da Indústria, pois grandes comerciantes nativos tinham enfim conseguido tomar a Presidência da Federação, posto até então ocupado exclusivamente pelos colonizadores europeus, no caso do Senegal, os franceses.

Pour la première fois, un Sénégalais occupait le siège de Président. Cette victoire était la leur. Pendant dix ans, ces hommes entreprenants avaient lutté pour arracher à leurs adversaires ce dernier bastion de l’ère coloniale [...] Leur ambition était de prendre en main l’économie du pays. ( p. 7)<sup>4</sup>

O terceiro casamento, com uma jovem que seguiu um metódico e tradicional plano de provocar para seduzir e seduzir para guardar-se para o casamento, insinuando uma suposta virgindade como capital valorizado na tradição machista, logo interditando a relação sexual antes da noite de núpcias, implicará o gasto de uma soma considerável de capital que El Hadji Abdou Kader Baye não mais dispõe. No entanto, ele oferecerá uma festa luxuosa, comprará um automóvel para a noiva, alugará e mobiliará uma nova mansão, sempre recorrendo ao crédito. À impotência que o acomete em plena noite de núpcias, é apenas um sintoma da falência que não é apenas financeira, ou econômica, mas é também extensiva à sua própria saúde psíquica, logo, também, sexual. El Hadji Abdou Kader Baye não consumará o casamento, verá seus cheques devolvidos, o arresto de seus bens e será expulso da Federação.

Por quê este empreendedor africano que segue à risca o modelo do homem de

---

<sup>2</sup> Publicado em 1973, em Paris, pela Présence Africaine, Xala, de Sembène Ousmane.

<sup>3</sup> “Como todo bom muçulmano” – não praticante – levou sua primeira esposa em peregrinação a Meca. Por isso seu título ‘El Hadji’, (“meu peregrino”) no masculino, e para sua esposa ‘Adja’”.

<sup>4</sup> “Pela primeira vez, um Senegalês ocupava a cadeira de Presidente. Esta vitória era deles. Durante dez anos, estes homens empreendedores tinha lutado para arrancar aos seus adversários este último bastião da era colonial. [...] Sua ambição era se apoderar da economia do país”

negócios, jogando com as convenções sociais, comprando a preços baixos e vendendo com altos lucros, fazendo da corrupção no mundo dos negócios um *savoir faire*, de repente, quando deve casar-se pela terceira vez, vê-se impotente sexual e financeiramente? Ele sabe que lhe jogaram um feitiço, um *Xala*. Quem? Por quê? Como recuperar o vigor? Como se livrar da maldição? Terá sido uma das duas primeiras esposas? Por que precisou casar com uma garota tão jovem a quem não ama? Começa então o acerto de contas com seu passado, revisitando sua opção por se tornar mais um abutre no mundo das finanças, no capitalismo predatório. Observe-se que a sociedade senegalesa vive o chamado desencanto com os governos pós-coloniais, pós-independência dos países africanos e que repetiriam, talvez como caricatura, o modelo identitário do colonizador. Ele próprio nos dirá que não passam de imitação barata do colonizador:

Qui sommes nous? De minables commissionaires, moins que des sous-traitants. Nous ne faisons que de la redistribution. Redistribuer les restes que le gros veulent nous céder (p.154) Nous sommes des Hommes d' affaires?[...] Non. Des cul-terreux! Les Banques appartiennent à qui? Les assurances? Les usines? Les entreprises? Le commerce en gros?[...] Ici, nous ne sommes que des crabes dans un panier. Nous voulons la place de l'ex-occupant. Nous y sommes. Cette Chambre en est la preuve. Quoi de changé en général comme en particulier? Rien. Le colon est devenu plus fort, plus puissant, caché en nous, en nous ici présents.[...] (p. 155-156)<sup>5</sup>

A impotência que parece sem cura o fará retornar à periferia da cidade e recontatar a cultura rural, a realidade social e os saberes tradicionais que ele não conseguia enxergar. O alívio será encontrado na medicina alternativa, ou seja, um Curandeiro lhe curará deste *Xala*, deste infortúnio que lhe terá sido lançado por “alguém próximo”. No entanto, ao ser curado, ele deixa esperando a noiva que o aguarda e opta por passar a noite com a segunda esposa que, diferente da primeira, fiel às tradições religiosas, esta é sensual e preza por sua liberdade sexual. Achando-se curado, ele esquece das palavras do seu benfeitor que dele receberá um cheque “*J'ai ton chèque! Ce que j' ai enlevé, je peux le remettre aussi rapidement[...]*”<sup>6</sup> (p. 128). Mas, com tantas

<sup>5</sup>“Quem somos nós? Pobres comissionados, menos que sub empreiteiros. Só fazemos a redistribuição. Redistribuir os restos que os grandes querem nos ceder (p.154). Somos homens de negócio? [...] Não. Pobres coitados! Os bancos pertencem a quem? As Seguradoras? As fábricas? As empresas? O comércio atacadista? [...] Aqui, nós somos apenas caranguejos num cesto. Nós queremos o lugar do ex-ocupante. Estamos nele. Esta Câmara é a prova disso. Mas o quê mudou no todo ou em parte? Nada. O colono se tornou mais forte, mais poderoso, escondido em nós, em nós, aqui, presentes.[...]” (p.155-156)

<sup>6</sup> “Teu cheque está comigo! O que tirei, rapidamente, posso colocar de novo [...]”(p.128).

preocupações financeiras e de ordem social, como se lembrar de um simples feiticeiro a quem pagou com cheque sem fundo? E novamente ele se revela impotente para consumir o casamento. Como recuperar sua alegria de viver, seu vigor? Terá ele a coragem de se despir de toda convenção social, de expiar sua culpa, logo de pagar o alto preço da reparação? A quem? Como? **Por quê? Qual a receita?**

### 3.2 ILS ONT MANGÉ MON FILS<sup>7</sup>, de Jacques Fame Ndong, Senegal, 2007

Por que não volta para casa um jovem professor de francês do último ano do ensino médio, logo, alguém que realizou uma ascensão social bem sucedida, numa sociedade em transição do rural para o urbano, com antigas tradições sendo ameaçadas pela modernização que se anuncia (pontes e estradas para facilitar o trânsito de veículos, energia elétrica chegando aos povoados, uma incipiente assistência médica ocupando o lugar de antigos curandeiros...) e nas cidades o individualismo exacerbado levando a um modo de vida onde prevalece a competição e o desenraizamento, o cinismo como forma de ser e viver no mundo, como mostra **a Cena 1, do Ato primeiro**, tendo como cenário uma casa de classe média, pertencente a um casal de funcionários, decorada com elegância e bom gosto, onde o espectador-leitor ficará sabendo das razões que terão levado o protagonista a sair de casa e desaparecer: uma briga conjugal por motivo fútil: ao se recusar a comprar um luxuoso vestido para sua esposa, seguindo a moda, ela jogou um balde d' água e incontinentemente ele sai de casa.

Juliette – Então joguei água na cabeça dele. Assim... (ela imita o gesto com ajuda de um balde)

Elise – Ele reagiu?

Juliette – Não. Saiu batendo a porta. E eu não mais o revi. Mas esta atitude dele me surpreende, porque não foi a primeira vez que uma briga destas aconteceu.

Ora, por que então Jean será visto vagando pela cidade, semi nu e procurando comida nas lixeiras? Por que Juliette será tomada por uma prostituta ao entrar em bares e bodegas procurando seu marido? Por quê estes homens, que jamais praticam o que dizem a desrespeitam e um deles chega a esbofeteá-la? Por que seu sogro, ele próprio,

---

<sup>7</sup>Feitiçarias, ou *Devoradores de alma* é a tradução que eu dei para o original intitulado *Ils ont mangé mon fils*, (Eles comeram meu filho), desta peça teatral, publicada em Camarões.

na tradição mais primitiva, se recusando a aceitar e integrar-se ao mundo urbano e citadino, também a desconsidera? Por que Jean parece tão alucinado, e alienado de suas faculdades mentais a tal ponto que seu velho pai, na tradição ancestral do animismo, prognostica que sua doença é o efeito de um feitiço, porque sua alma teria sido devorada? “Quem são estes “eles [que] comeram [seu] filho?” Quem são estes comedores de alma? Como fazem para dominar corações e mentes? O que pensa Jean, quando lhe é dada a palavra, sobre os dois estilos de vida, duas culturas, que ofuscam a compreensão de si mesmo e do mundo? E quais são estes padrões aparentemente contraditórios e ambos cegantes? Qual o preço a pagar para o restabelecimento da lucidez de Jean que apenas exacerba estar doente de verdadeiras doenças sociais nesta peça teatral? **Qual a cura? Qual a receita?**

### **3.3 IL ÉTAIT UNE FOIS UN VIEUX COUPLE HEUREUX: (Mohammed Khaïr Eddine; 1993, Marrocos)<sup>8</sup>**

Bouchaïb, hoje envelhecido, e que conheceu as duras condições de vida dos imigrantes pobres nas cidades modernas do Marrocos ou da Europa, onde conseguiu amearhar algum dinheiro para comprar uma lojinha que é hoje sua principal fonte de renda lhe permitindo viver ao lado da mulher que ama, numa casa de estilo tradicional, num distante povoado, entre o rural e o urbano, com seu terreno onde mantém seu pomar e onde cultiva sua horta, é o personagem principal deste romance de Mohammed Khaïr-Eddine, intitulado *Un vieux couple heureux*. De que trata esta narrativa? Quando as tradições parecem mortas e enterradas, quando os signos do progresso social, da modernidade, começam a se fazer frequentes nos mais longínquos povoados, mudando hábitos e comportamentos, e quando a juventude, ávida por diversão e consumismo, revolta-se contra a cultura local, rejeita o trabalho e a vida rural, buscando os prazeres de um mundo de consumo que, embora seja convidativo, é quase proibitivo a quem não dispõe de recursos honestos para obter o objeto de desejo sempre renovado, o que se pode esperar? Qual era o passado a lamentar que se perdeu? O narrador, onisciente, nos lembra que a colonização francesa conseguiu oferecer segurança pública, eliminando o

---

<sup>8</sup> Escrito em 1993 e somente publicado post mortem na França em 2002, por Edition du Seuil, em Paris, *Era uma vez um velho casal feliz*, é o título em português deste romance marroquino.

banditismo tradicional que grassava na sociedade marroquina:

ils [les bandits] allaient piller d' autres villages et ils rentraient armés jusqu'aux dents en conduisant des bêtes de somme surchargés de butin. On volait n'importe quoi car tout avait de la valeur. On pouvait tout écouler dans les souks sans encombre. Bouchaïb se souvenait de cette époque où la famine était de rigueur.[...] Les voleurs eux-mêmes qui vivaient avec leur famille avaient peur des autres voleurs. En fait, tout le monde volait tout le monde Ce désordre cessa avec l' arrivée des Français, qui mirent au pas les bandits coriaces et les têtes brûlées [...] À ce souvenir, Bouchaïb sourit et pensa: "Après tout, la France nous a apporté la tranquillité. Une paix sublime! [...]" (p. 34)<sup>9</sup>

Mas, se em cada mercadoria se esconde ou se visibiliza uma ideia, uma forma de ser e pensar e viver, o que mais trouxe esta nova civilização ao Marrocos, até então rural, com seu campesinato, seus artesãos, sua cultura milenar? A colonização francesa também traria outra relação com a terra que se torna capital de especulação financeira. Com tecnologias mais eficientes, os franceses, tendo comprado por bagatelas as propriedades rurais abandonadas pela grande seca e pela epidemia de tifo que arrasariam a economia local, fazendo com que a emigração para as cidades e para a Europa se tornasse uma das poucas saídas para evitar a miséria social, os europeus iriam tornar agricultáveis e lucrativas as terras então improdutivas.

La misère régnait partout et une grande épidémie de typhus emportait les plus faibles. Seuls les Européens étaient soignés à temps. Cette maladie sévissait surtout le peuple, chez les indigènes comme on les appelait alors Il y avait des poux partout.[...] Les Français vivaient dans la propreté tandis que chez les indigènes s' entassaient les uns sur les autres dans des gourbis confinés.[...] Plusieurs années de sécheresses avaient appauvri la campagne jadis riche en céréales qu' on exportait vers l' Europe" [...] Les morts se chiffraient par milliers: "c' est la racaille qui crève, disait-on. Bon débarras !"[...] Les colons récupéraient ainsi des terres abandonnés. Ils foraient des puits, plantaient des orangers, semaient du blé. Ils

---

<sup>9</sup> "Eles, [o bandidos] iam pilhar outros povoados e voltavam armados até os dentes conduzindo animais sobrecarregados de saque. Roubava-se tudo o que se encontrasse, pois tudo tinha valor. Tudo podia ser vendido nos souks, sem problemas. Bouchaïb se lembrava desta época onde a fome era duradoura.[...] Os próprios ladrões que viviam com suas famílias tinham medo dos outros ladrões. De fato, todo mundo roubava todo mundo. Essa desordem acabou com a chegada dos franceses, que dominaram os bandidos perigosos e os valentões [...] Ao se lembrar disso, Bouchaïb sorriu e pensou:" Enfim, a França nos trouxe tranquilidade. Uma paz sublime! [...]" (p. 34).

prospéraient sur ces terres qui n'avaient vu que des cadavres. ( p. 26)<sup>10</sup>

Migrações em massa para as cidades que verão crescerem as favelas com seus problemas sociais conhecidos, ou para a Europa, onde, os marroquinos tentarão se estabelecer, seja no pequeno comércio ou no trabalho formal, ou se corrompendo pela delinquência ou pela mendicância.

A nova elite dirigente, que o narrador trata de “parvenus” desprezam os menos favorecidos, na tradição de um pensamento que debita ao Outro a responsabilidade de todos os males e assim se exime de qualquer responsabilidade social. Desagregada, a sociedade passa a ser vítima do cinismo e da iniquidade de suas elites: “C’ est que des bandits d’un genre nouveau sont apparus depuis l’ indépendance. [...] Ils ne respectent plus que l’ argent! C’ est le culture du Veau d’ or!”<sup>11</sup> (p.47) Qual a solução apontada pela narrativa para curar as feridas do desenraizamento nos corações e mentes do povo?

**Qual a receita? Qual a cura?**

### **3.4 TENDA DOS MILAGRES, de Jorge Amado, Brasil, 1969.**

Publicado em 1969, quando o Brasil vive sob o impacto da ditadura militar, com a supressão das liberdades individuais, sob a condenação da liberdade de expressão e a proscricção dos sindicatos e dos partidos políticos, Jorge Amado lança *Tenda dos*

---

<sup>10</sup>“A miséria reinava em todo canto e uma grande epidemia de tifo levava os mais fracos. Apenas os europeus eram cuidados logo. Esta doença galopava entre o povo, ou com os nativos, como eram chamados então. Havia piolhos em todo lugar. [...] Os franceses viviam na limpeza enquanto que os nativos se amontoavam uns sobre os outros confinados sem casebre [...] Vários anos de secas tinham empobrecido os campos outrora ricos em cereais que se exportava para a Europa. [...] Os mortos se contavam aos milhares: ‘é a gentalha que morre. Já vai tarde! [...] Assim, os colonos recuperavam as terras abandonadas. Cavavam poço, plantavam laranjais, semeavam o trigo. Prosperaram sobre estas terras que só tinham visto cadáveres” (p. 26)

“La misère régnait partout et une grande épidémie de typhus emportait les plus faibles. Seuls les Européens étaient soignés à temps. Cette maladie sévissait surtout le peuple, chez les indigènes comme on les appelait alors Il y avait des poux partout.[...] Les Français vivaient dans la propreté tandis que chez les indigènes s’ entassaient les uns sur les autres dans des gourbis confinés.[...] Plusieurs années de sécheresses avaient appauvri la campagne jadis riche en céréales qu’ on exportait vers l’ Europe” [...] Les morts se chiffraient par milliers: “c’ est la racaille qui crève, disait-on. Bon débarras !”[...] Les colons récupéraient ainsi des terres abandonnés. Ils foraient des puits, plantaient des orangers, semaient du blé. Ils prospéraient sur ces terres qui n’ avaient vu que des cadavres” (p. 26)

<sup>11</sup>“É que um novo gênero de bandidos apareceu desde a independência [...] Eles só respeitam o dinheiro! É o culto ao Bezerro de Ouro” (p. 47).

*Milagres*<sup>12</sup>.

Ora, por que Amado resolve trazer de volta *Jubiabá*, publicado em 1935, o primeiro romance brasileiro a trazer um Negro como herói narrativo, exatamente 25 anos depois, quando a face do país passará rapidamente do rural para o urbano, com levas de imigrantes, sobretudo nordestinos e nortistas se deslocando para o eixo sul sudeste e com uma indústria cultural onde já predominava a televisão substituindo o rádio, e se a repressão política era acompanhada de uma forte liberação dos costumes? Qual a receita para curar uma sociedade onde predomina o racismo estrutural? Seria para evitar o rastilho de revolta popular do povo negro, desde aquela época em combustão, a partir dos Estados Unidos, e da agitação social provocada pelo movimento estudantil de maio de 68, na Europa? Qual a receita para curar uma sociedade onde o racismo impede a convivência pacífica dos elementos humanos oriundos da própria heterogeneidade da formação original da nação brasileira? Qual a receita que *Tenda dos Milagres* oferece, em 2020, para a **reparação? Qual a receita?**

#### 4. DIAGNÓSTICOS E PROGNÓSTICOS.

Observe-se que insisto em recorrer às palavras: doença, cura, reparação, implicando em reconhecer que os escritores dessas narrativas denunciam o estado de distopia de suas sociedades, diagnosticam o Mal que lhes acomete, e prognosticam um remédio, logo uma reparação necessária para a eliminação da doença que acomete essas sociedades: uma espécie de enfeitiçamento operado pela formação da opinião pública que leva ao desencanto do mundo, com a perda de sentido da existência humana. Neste sentido, etimologicamente, reparar, reparação tanto implica em compensar, como em autoproteção, em cuidar, em fazer atenção, em desculpar-se, ou consertar. Com isto quero dizer que encontro nessas quatro narrativas receitas para combater o enfeitiçamento do desencanto do viver, logo é um breviário para o bem viver.

Cada uma destas narrativas reconhece não apenas a impossibilidade de um

---

<sup>12</sup>Numa entrevista a Alice Raillard, ele dirá: [...] Mais c'est à *Jubiabá* que je suis réellement retourné "[...] avec ce roman que j'ai écrit en 1969, *Tenda dos Milagres*, où sont présents les mêmes problèmes, avec la perspective de vingt-cinq années de distance, quand mon expérience littéraire et humaine, je crois, était bien meilleure. *Tenda dos Milagres* est *Jubiabá* revisité mais la connotation est différente. Il s'agit de la formation de la nationalité brésilienne, de la lutte contre les préjugés, principalement le préjugé racial, contre la pseudoscience «européanisante», contre les théories de ce Français qui fut Ambassadeur au Brésil. (RAILLARD: 1991, p.7)

retorno ao passado (a distopia estaria presente em todas as sociedades em questão) como também indica a possibilidade de um futuro melhor e as condições para a sua promoção, ou para a criação desta utopia concreta para retomar um conceito de Ernst Bloch: uma sociedade onde os homens e mulheres, livres dos grilhões da exploração e da massificação possam viver em comunhão não apenas com os demais humanos, eliminando as clivagens sociais, como também com os não humanos, o que implica numa nova Ética, nova Política, nova Estética (GUATTARI, 2001; OLIVEIRA, 2001), onde predominaria a autonomia e a autogestão, uma recusa às formas de “modo de ser produção” tão caras ao capitalismo que é em si mesmo

um sistema de produção para o qual nada é impossível, a não ser para ele mesmo seu próprio fim. [...] A sociedade industrial, a mais formidável máquina de produção é por isso mesmo a mais assustadora máquina de destruição. Raças, sociedades, indivíduos, espaços, naturezas, mares, florestas, solos: tudo é útil, tudo deve ser produtivo, com a produtividade realizada em sua intensidade máxima (CLASTRES: 1978, p. 61)

#### 4.1 XALA: a expiação da culpa para a reparação do predadorismo

El Hadji Abdoul Kader Baye é a personagem tipo construída como modelo exemplar de uma sociedade fragmentada, onde predomina o cinismo, e a inversão de valores, como se patenteia na fala do Presidente da Federação do Comércio [...] nous sommes tous conviés au mariage de notre frère El Hadji Abdoul Kader Baye. Si nous sommes pour la modernité, cela ne pas dire que nous renoncé à notre africanité [...] (p. 9)<sup>13</sup>, confirmadas pelo próprio protagonista:

[...]J'en suis à ma troisième épouse. Un “capitaine”, comme on dit dans la populace. Nous sommes des Africains.[...]”(p.10) Segundo o narrador, ele seria uma perfeita síntese das duas culturas: “Formation bourgeoise européenne, éducation féodale africaine. Il savait, comme ses pairs, se servir adroitement de ses deux pôles. La fusion n’ était pas complète. ( p. 12)<sup>14</sup>

---

13 “[...] somos todos convidados para o casamento de nosso irmão El Hadji Abdoul Kader Baye. Se somos pela modernidade, isso não significa que renunciamos à nossa africanidade...” (p. 9).

14 “[...] Estou na minha terceira esposa. Um ‘capitão’, como dizemos popularmente Somos africanos. [...]”(p. 10) Segundo o narrador, ele seria uma perfeita síntese das duas culturas: formação burguesa europeia, educação feudal. africana. Como os seus pares, soube usar as suas aptidões com destreza nos dois polos. A fusão não estava completa ”(p. 12).

Uma das práticas recorrentes do predadorismo é a ausência de qualquer empatia. Nas sociedades dominadas pelo capitalismo selvagem, como nos mostra a narrativa, os pobres se tornam invisíveis: o antigo camponês com o qual El Hadj entra em litígio por ter tomado suas terras comunais, irreconhecível aos olhos do opressor, é o mendigo que entoava sua cantilena insuportável aos ouvidos do rico africano: *”Ces mendiants, il faut tous les boucler pour le restant de leur vies”* (p. 58)<sup>15</sup>. O vidente (*see katt*) estava certo ao ver como tendo vindo de “[...] quelqu’un de ton entourage”<sup>16</sup> (p. 95 ) a responsabilidade pelo xala! E o mendigo, ele sempre estivera sentado na calçada da casa comercial de El Hadj, entoando seu lamento! Sem jamais ter merecido seu olhar.

— Notre histoire remonte à bien longtemps. [...] Tu t’ en souviens plus? J’ en étais certain. Ce que je suis maintenant ce ta faute...Tu rappelles-tu avoir vendu un grand terrain situé à Diéko (Jéko), appartenant à notre clan? Après avoir falsifié les noms claniques avec la complicité des hauts-placés, tu nous a expropriés. Malgré nos doléances, nos preuves de propriété de clan, devant les tribunaux nous fûmes déboutés. Non contente de t’être approprié notre bien, tu me fis arrêter et jeter en prison. Pourquoi?... (p. 184)<sup>17</sup>

A reparação para El Hadji Abdoul Kader Baye passa pela expiação das culpas de modo escatológico: tendo sua casa invadida pela legião de mendigos, doentes e miseráveis da cidade, liderados pelo mendigo que ele próprio enxotava, ele será despido, terá o corpo coberto por cuspes e escarros desta turba de explorados: este será o preço a pagar por ter roubado as terras de uma família que ele condenou à mendicância, com o apoio do sistema judiciário e político: – “Pour te guérir, tu vas te mettre tout nu, tout nu, El Hadji. Nu devant nous. Et chacun de nous te chacheras dessus trois fois. Tu as la clef de ta guérison. Décide-toi. Je peux te dire maintenant, je suis celui qui t’a “noué l’ aiguillette”<sup>18</sup> (p. 186).

---

<sup>15</sup> “Esses mendigos deveriam ser presos pelo resto de suas vidas.” (p. 58).

<sup>16</sup> “alguém perto de você” (p. 95).

<sup>17</sup> “A nossa história tem muito tempo [...] Não te lembras mais? Eu tinha certeza disso. O que sou agora é por tua culpa... Te lembras que te vendi um grande terreno perto de Diéko(Jéko), que pertencia ao nosso clã? Depois de ter falsificado os nomes clânicos com a cumplicidade das autoridades, tu nos expropriaste. Apesar de nossas reclamações, nossas provas de propriedade do clã, diante dos tribunais, fomos derrotados. Não contente de teres tomado nosso bem, tu mandaste me deter e me jogar na prisão. Por quê...”(p. 184).

<sup>18</sup> “Para te curar, vais tirar toda a roupa, ficar todo nu, El Hadji. Nu, na nossa frente. E cada um de nós vai escarrar em ti três vezes. Tu tens a chave de tua cura. Decide, logo. Agora eu posso te dizer: sou aquele quem “amarrou a agulhinha” (quem te enfeitou, te deixou impotente. NT. (p. 186).

#### **4.2 Il était une fois un vieux couple heureux: a recusa ao rebanho ou quando um passo atrás pode ser a saída para o desencanto do mundo**

Para Bouchaïb, esta criação aparentente *naïf* de Mohammed Khaïr – Eddine, a cura só poderá ocorrer quando o homem não se deixar mais aceitar tornar-se uma rês do rebanho, quando recusar ser massa de manobra, a aprender a ser e escutar suas reais necessidades, recusando as tentações de um mundo feérico, em constante frenesi que é a sociedade de consumo onde prevalece o Dinheiro como uma divindade à qual todos parecem se submeter.

Du jour au lendemain, en trois décennies, on a vu apparaître un nouveau type de riche, parvenu sans foi ni loi, corrompu et corrupteur, velléitaire, qui croit que tout s’ achète, des fonctionnaires comme tu tabac, des femmes, des terres, tout y compris les consciences les plus affermies, lese moins perméables aux tentations empoisonnées de l’ argent... [...] Quelle sale engeance! Pensa le Vieux. Des ennemis de la Patrie pour laquelle d’ autres ont donné leur vie.[...] (p. 90-1)<sup>19</sup>

Ao invés da resignação diante da formação de uma opinião pública eficaz através de mídias potentes, Bouchaïb propugna pelas recusa e resistência aos modos de ser, viver e trabalhar que implicam a desnaturalização da sua própria humanidade, isto é, resiste ao canto de sereia da sociedade de consumo, recusa viver sem laços de solidariedade (a ajuda mútua entre vizinhos e amigos (“Mais il y a encore [...] des villages où les gens vivent les uns près des autres, où tous s’ entraînent [...]” (p. 93)<sup>20</sup> [...] Dans le temps, la communauté pratiquait de tels travaux”(p.154)<sup>21</sup>, e se lembra das lutas pela libertação do país “Cette époque était celle de l’ enthousiasme, du sacrifice et l’ honneur. Où est tout cela, à présent?” (p. 93)<sup>22</sup>

No entanto, que não se pense que ele é um reacionário. Assim, para vencer a escuridão da noite e lhe permitir melhor iluminação, ele compra “*une lampe à gás*” (p. 128); compra para sua esposa um vestido europeu (que ela não usará!) e para que o belo

---

<sup>19</sup> “De um dia para o outro, em três décadas, apareceu um novo tipo de rico, presunçoso, sem fé, nem lei, corrompido e corruptor, pusilânime, que acredita que tudo se compra, de funcionários a tabaco, mulheres terras, tudo, inclusive as consciências mais sérias, e as menos permeáveis às tentações envenenadas do dinheiro... [...] Que corja! Pensou o [...]” Velho. Inimigos da Pátria pela qual outros deram a vida. [...]” (p. 90-1).

<sup>20</sup> “Mas ainda existem [...] povoados onde as pessoas vivem próximas umas das outras, onde todos se entreadjudam [...]” (p. 93).

<sup>21</sup> “Nesse tempo, a comunidade praticava tais trabalhos” (p. 154).

<sup>22</sup> “Essa foi a época do entusiasmo, do sacrifício e da honra. Onde está tudo isso, agora?” (p. 154).

poema, originalmente pensado para ser reproduzido em caligrafia em um único exemplar em língua berbere, possa ser divulgado amplamente, Bouchaïb aceita a proposta de fazer a edição de sua obra não apenas através da imprensa moderna, com reprodução em série, como também deverá ter seu poema recitado e gravado em fitas cassetes (p. 128), uma invenção então altamente revolucionária nos anos noventa do século passado. Bouchaïb compreende que

*Ce n' est pas en acquérant ces petites bricoles ou même une voiture qu'on est moderne. Il y a toute une éducation à faire avant de prétendre à la modernité. Tout le reste n' est que façade, affirma le Vieux*”(p.128). “[...] une modernité fanfaronne, [...] Une couche de mauvaise peinture qui craque vite pour faire apparaître la vraie nature des choses[...]” (p. 141)<sup>23</sup>

Com esta personagem que transita entre os mundos rural e urbano, tradicional e moderno, sem perder sua identidade, Mohammed Khaïr-Eddine propõe a conciliação entre as formas de viver do passado (o respeito ao Outro, o cuidado com a Terra) com as melhores invenções do presente, e assim desenha Bouchaïb, com a sabedoria do bem viver, ou da justa medida, e encontrando no aqui e no agora as razões para viver bem: *”Le mirage de la ville est trop tentant, on y succombe vite. Heureux qui, comme l' Ecclesiaste, est revenu de tout. Il reste tranquille, il attend ce que Dieu lui a promis et il travaille pour vivre là où il se trouve. Car la vie est partout, même dans le désert le plus aride”*. (p. 155)<sup>24</sup>

#### **4.3 ILS ONT MANGÉ MON FILS: Quebrando os feitiços em diferentes bruxarias**

Para Jean Akuteyo, este professor de francês que finge ter enlouquecido para melhor ilustrar a loucura de uma vida inautêntica onde cada um tenta imitar a moda, deixando de se autoconhecer e se resignando à mentalidade do rebanho, e aceitando corromper-se, o equilíbrio está na sensatez e no bem comum que é visto como um entre lugar, nas palavras da personagem do velho ANDREAS:

---

<sup>23</sup> “não é adquirindo essas miudezas ou até mesmo um carro que se é moderno. Há toda uma educação a ser aprendida antes de se pretender na modernidade. Fora isso, tudo não passa de fachada, afirmou o Velho (p. 128) [...] Uma modernidade arrogante, [...] uma camada de afirmou o Velho pintura ruim que rápido craquela deixando aparecer a verdadeira natureza das coisas [...]” (p. 141).

<sup>24</sup> “A miragem da cidade é demasiado tentadora, rapidamente a gente sucumbe. Feliz, que, como o Eclesiastes, de tudo retornou. Ele fica tranquilo, espera o que Deus lhe prometeu e trabalha para viver aí onde se encontra. Pois a vida está em toda parte, até mesmo no mais árido deserto.” Eclesiastes, de tudo retornou. Ele fica tranquilo, espera o que Deus lhe prometeu e trabalha para viver aí onde se encontra. Pois a vida está em toda parte, até mesmo no mais árido deserto.” (p. 155)

ANDREAS – Então, quem é mesmo louco? Aquele que não está mais louco, mas que o foi ou fingiu sê-lo ou foi um pouco, ou somos nós mesmos que acreditávamos ter devorado em espírito o louco ou aquele que fingia sê-lo? e não estávamos todos nós enlouquecidos de raiva e de ódio uns pelos outros, correndo o risco de brigarmos se Amélia tivesse ousado falar ainda há pouco? Ou o assalariado corrompido que de modo irresponsável amealha bens materiais e descuida das coisas do espírito, comendo seu país porque ele, buscando enriquecer, desvia recursos públicos para a construção de pontes, estradas, postos de saúde, escolas, etc..? (p.65)

Jacques Fame Ndongo quer uma África onde sua riqueza cultural não seja ofuscada pela ignorância ou pela superstição, nem tampouco pela recusa ao que de bom possa conter a civilização ocidental. É o que diz o autor implícito através da personagem Yacob:

– Eliminemos tudo que seja negativo: os sortilégios para matar nossos filhos, nossas irmãs, nossos irmãos, nossos netos, as práticas destinadas a retardar o progresso, para tornar nossas mulheres estéreis, nossos campos improdutivos ou nossos rios com menos peixes. Que não nos opusemos mais à construção de pontes, de estradas, de postos de saúde, de escolas ... por meios ocultos. Mas, que saibamos guardar o que fazemos de positivo para tornar a terra fértil, as mulheres fecundas, as crianças inteligentes, fazer prosperar nossos filhos e filhas que se esforcem na cidade ou no povoado seja no comércio, no esporte, na agricultura, no artesanato... (p.66)

Desta forma, fugindo da inautenticidade do viver do modo de ser produção característica da sociedade contemporânea, Jean Akuteyo o radicaliza sua recusa ao fingir-se de louco e assim desvela, aos olhos de sua mulher Juliette, a própria loucura em que se constitui o consumismo no qual ela se aprisiona, seguindo uma moda ditada por uma cultura estrangeira. A ronda que ela faz de bar em bar ao procurar o marido, também a exporá, “vestida como uma qualquer”, frente aos olhares e provocações de homens machistas cuja tênue camada de verniz de modernidade será craquelada com sua presença naqueles espaços “não condizentes a uma mulher casada”, eles próprios predadores sexuais.

*Juliette: Puxa, o senhor vai longe demais. Não sou quem o senhor pensa. Com que direito me trata com intimidade? Saiba que sou uma senhora de respeito!*

*O garçom: Uma senhora respeitável num barzinho, com uma saia fendida até a ... até a..quero dizer até a..*

*Juliette: Alto lá! Sou uma mulher casada.*

*O Garçom: Você não tem cara de mulher casada. Se bem que com a crise econômica, as mulheres casadas...(p.15)*

Por outro lado, Juliette também denuncia a ignorância que escraviza na pobreza e na miséria os indivíduos que, clamando o apego às tradições, insistem em viver na irracionalidade e são tão mesquinhos quanto os chamados “modernos” ou ocidentalizados.

*JULIETTE – Mas tem também individualismo em nossas aldeias. Quando um dos seus filhos compra um carro, seus tios e primos da aldeia dão livre curso a falatórios odiosos e satíricos. Se você constrói uma casa de tijolos, seus irmãos da mesma linhagem se unem contra você. Eles afirmam que você tem poderes mágicos. Se você cultiva uma plantação, vão dizer que você tem operários invisíveis que capinam a plantação sem que os aldeões vejam. Se o governo quer construir uma ponte para servir a população rural, pode-se esperar que feiticeiros vão aparecer para bloquear o trabalho dos engenheiros durante vários meses, destruindo, de noite, as construções feitas de dia. Logo, o individualismo existe em todo canto. Na cidade como na aldeia (p.41).*

#### **4.4 TENDA DOS MILAGRES: romper o feitiço da ignorância para fazer a reparação**

Somente quando nos lembramos do horror das teorias raciais é que podemos reconhecer a grandeza, a relevância e a pertinência para nós brasileiros e baianos, negros e mestiços, da obra amadiana e em especial de *Tenda dos milagres* e da personagem mais instigante, mais humana e mais comovente da literatura baiana. Pois Pedro Archanjo é desenhado e moldado para se contrapor às teorias raciais, em especial, ao seu maior ideólogo por seu caráter de disseminador: Arthur de Gobineau que foi Embaixador francês na Corte imperial e que se admirava de como eram feios os brasileiros, por serem mestiços!<sup>25</sup>

É sob a sombra da suspeita de ser uma sociedade doentia que o Brasil desponta no século XX, com feridas ainda muito recentes de um passado escravocrata, com abismos sociais entre as classes e raças, onde predominavam tanto uma tentativa simiesca de copiar o estilo de vida da Europa, notadamente da França, quanto uma recusa da maioria da sua elite intelectual em aceitar a rica contribuição da herança

---

<sup>25</sup>Transplantada das ciências naturais, a noção de raça seria utilizada para explicar o desenvolvimento das civilizações, da evolução humana através dos tempos, e, a partir de apropriações dos conceitos de mestiçagem e degeneração das espécies, intelectuais europeus passariam a temer que o entrecruzamento de raças e culturas, por seu caráter de ‘impureza’ gerasse indivíduos doentios ou fracos, cuja debilidade de caráter fosse incompatível com a noção de darwinismo social então em voga. Ficava, assim, também, justificada a resistência às novas nações que lutavam por sua independência. Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

cultural africana. Preconceito e racismo grassam na vida social de um país com vergonha de ser mestiço e desejoso de esconder as marcas étnicas que o faziam ‘impuro’, isto é, miscigenado. E para um ideólogo das teorias raciológicas, a mestiçagem é degenerescência.

*Tenda dos Milagres* (1969) vai trazer a personagem de Pedro Archanjo-Ojuobá como o mestiço carregado de atributos positivos, operando a reversão do conceito de mestiçagem, até então recorrente e difundido pelas teorias raciológicas, como degenerescência. De fato, neste romance “de tese”, onde Amado expõe suas concepções mais veementes sobre a formação da sociedade brasileira, Pedro Archanjo será visto a partir de dois mundos aparentemente em oposição: o mundo da Ciência (a Faculdade de Medicina, onde Archanjo transita como mero bedel) e o “Mistério primitivo” (senso comum) que se espalha do Pelourinho às regiões periféricas da Cidade do Salvador e seu entorno majoritariamente habitadas pela população negra ou afrodescendente.

Na narrativa, a função deste herói mestiço será provar a contribuição da herança cultural africana para a formação da cultura brasileira. Assim, ao invés das armas mortais convencionais, uma nova arma será trazida para o combate ao racismo e ao preconceito: o conhecimento. E, para vencer a resistência de Pedro Archanjo que insistia em viver no princípio do prazer, sem obrigações, sem amarras, sem restrições, em plena liberdade só possível em sociedades fora dos grilhões do capitalismo, será a grande Sacerdotisa Majé Bassan, a Mãe de Santo, que o chamará à ordem:

J'ai appris que tu dis vouloir écrire un livre. Mais je sais que tu ne le fais pas, tu ne le fais qu'en paroles, tu te contentes d'y penser. Tu passes ta vie à parloter à droite et à gauche, un bout de causerie par-ci, un bout de causerie par-là, tu notes tout, et pourquoi ? Tu vas rester toute ta vie commis des docteurs ? Rien que ça? Ton emploi, c'est pour ton gagne-pain, pour ne pas mourir de faim. Mais tu ne dois pas t'en contenter et te taire. Ce n'est pas pour ça que tu es Ojuobá. (BM, p. 172)<sup>26</sup>

Logo, para tamanha façanha serão necessários dotes especiais: e os deuses do Panteão afro-brasileiro vão lhe tornar Ojuobá, quer dizer, os olhos de Xangô na terra, para tudo ver, tudo anotar.

---

<sup>26</sup> “Soube que tu diz que quer escrever um livro. Mas sei que tu não faz nada, tu só faz em palavras, tu te contenta só em pensar. Tu passa tua vida a bater papo aqui e acolá, um pedacinho de conversa aqui, outra conversinha ali, tu anota tudo e por quê? tu vai ficar tua vida toda como ajudante dos doutores? Só isso? Teu emprego, é para teu ganha pão, para não morrer de fome. Mas tu não deve te contentar com isso e te calar. Não é para isso que tu é Ojuobá. (BM, 172) tradução livre minha tentando aproximar ao máximo a língua oral e popular, que usa o verbo na terceira pessoa e o pronome na segunda.

Uma versão circula entre o povo dos terreiros, corre nas ruas da cidade: teria sido o próprio orixá (Xangô) quem ordena a Pedro Archanjo tudo ver, tudo saber, tudo escrever. Para isso fizera-o Ojuobá, os olhos de Xangô. [...] Moço de vinte e poucos anos[...]Pedro Archanjo deu na mania de anotar histórias, acontecidos, casos, nomes, datas, detalhes insignificantes, tudo quanto se referisse à vida popular. Para quê? Quem sabe lá. Pedro Archanjo era cheio de quizilas, de saberes e certamente não se devera ao acaso sua escolha, tão moderno ainda, para alto posto na casa de Xangô: levantado e consagrado Ojuobá, preferido entre tantos e tantos candidatos, velhos de respeito e sapiência. Coube-lhe, no entanto, o título, com os direitos e deveres; não completara ainda trinta anos quando o santo o escolheu e o declarou: não pudera haver maior acerto- Xangô sabe os porquês. (sic) (TM: 70).

Falando corretamente línguas estrangeiras, com especial notoriedade para o seu “francês de Paris”, além do espanhol, do inglês e do italiano, na biblioteca de Pedro Archanjo há um considerável acervo da cultura ocidental: de Franz Boas e a nova interpretação sobre as culturas, de Alexandre Dumas a Gobineau, dos mitos gregos ao cordel. Assim, este “pardo, pobre e paisano” é uma espécie de antropófago que não apenas se apropria do melhor do outro, na tradição da antropofagia indígena brasileira, mas que avança ao não recusar o que lhe parece ‘fraco’ ou “asqueroso”. É esta sua bagagem cultural tão vasta, aliada ao agudo senso de realidade que o faz ser capaz de articular relações, que o leva a escrever seus quatro livros<sup>27</sup> os quais, cem anos depois, vão despertar o interesse de um catedrático estrangeiro, estadunidense, e que vem à Bahia, exclusivamente, para constatar as afirmações de Pedro Archanjo sobre a miscigenação das raças e das culturas, como fator positivo, para comprovar que “[...] É mestiça a face do povo brasileiro e é mestiça a sua cultura» (TM, p. 98).

Por isso, os carros alegóricos da Escola de Samba “Os Filhos do Tororó”, no carnaval de 1969, terão como tema as manifestações culturais que Pedro Archanjo, este intelectual orgânico, através do conhecimento científico, deu visibilidade. Tornada espetáculo, em cenários que remetem ao realismo maravilhoso, a obra de Pedro Archanjo é homenageada pela população majoritariamente afrodescendente que toma as ruas, protagonizando no mundo alegórico, carnavalesco, o papel que, ofuscada pelo racismo estrutural, lhe era negado na vida real. Ao som de cuícas, chocalhos, tambores e tamborins, homens e mulheres encenam na noite carnavalesca o que de verdadeiro vivem na cidade de São Salvador da Bahia e pedem passagem para o maior de todos os

---

<sup>27</sup>*A vida popular na Bahia* (1907); *Influências africanas nos costumes da Bahia* (1918); *Apontamentos sobre a mestiçagem nas Famílias baianas* (1920) e *A Culinária baiana: origens e preceitos* (1930).

brasileiros:

Pedro Archanjo Ojuobá vem dançando, ele não é um, ele é vários, inúmeros, múltiplo, velho, quadragenário, rapaz, adolescente, namorador, dançarino, brigador, galanteador, cachaceiro, rebelde, grevista, subversivo, violeiro e tocador de violão, enamorado, terno amante, garanhão, escritor, sábio, um feiticeiro. Todos pobres, mulatos e miseráveis. (BM: p. 406-407).

## **5 Considerações finais: cada sociedade, sua doença, seu remédio, sua cura**

O bem viver é a receita que estes escritores, na tradição do melhor realismo literário, nos oferecem para que jamais possamos deixar de acreditar que mesmo se ainda não é, o futuro a ser tecido com as energias positivas do humano já está desenhado nas mentes e nos corações de homens e mulheres que não se deixam aprisionar no cinismo, que não se resignaram em viver no desencanto do mundo e, assim, se constituem, tais narrativas, em convites para acender a esperança em acreditar que se pode resistir ao enfeitamento de um mundo sem verdadeira alegria de viver, logo são contra feitiços para quebrar o sortilégio do entorpecimento e do embrutecimento da sensibilidade.

Viver o Comum, isto é neste espaço intersticial entre o individualismo pregado pelas ideologias neoliberais ou simplesmente capitalistas que nos incentivam a seguir em frente sem olhar para trás, sem estender a mão aos que necessitam; e o coletivismo que sempre tende a sufocar as subjetividades, estabelecendo padrões rígidos de comportamentos para os membros de sua sociedade. O que se pretende é a construção coletiva tendo em vista o bem comum, ou seja, a possibilidade de se criar condições para a vida em Comunidade, o que implicaria em ser capaz de reunir o Diverso sob a garantia de respeito às diferenças individuais. Ou ver a humanidade como a grande floresta sem esquecer da diversidade de suas árvores. Assim é que posso ler estas personagens carregadas de generosidade e amorosidade e que nos sinalizam para um modo de ser onde prevalece o Cuidado, nestas narrativas literárias.

Enfim, nestas quatro narrativas literárias, seja em *Xala*, Sembène Ousmane, tendo o Senegal como cenário, em *Il était une fois un vieux couple heureux*, de Mohammed Khaïr-Eddine, no Marrocos, *Ils ont mangé mon fils*, de Jacques Fame Ndong, em Camarões, ou *Tenda dos milagres*, de Jorge Amado, tendo como cenário a cidade de Salvador da Bahia, berço da cultura brasileira, os respectivos desfechos destas

obras apontam para a recusa a toda forma de ser, viver, trabalhar e amar que desnaturalize a vida humana no que ela tem de potencialmente vital, de convite à vida em sua plena manifestação de beleza, de busca de sentido que permita a cada indivíduo, homem ou mulher, jovem ou velho, encontrar dentro de si mesmo a vontade de crescer e progredir, e cobrar da sociedade as condições necessárias para garantir qualidade de vida, sinalizando para a necessidade de se buscar o Comum, ou a Boa Vida. (ACOSTA: 2016)

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia operária. Elefante, 2016.

ADORNO, Theodor W. «Conceito de Iluminismo». *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. Rio de Janeiro: Record, 1979 [1969].

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Record, 1979, [Rio de Janeiro: José Olympio, 1935].

BARBERIS, Pierre. « Sociocrítica ». In (dir.) BERGEZ, Daniel et alii, *Métodos críticos para a análise literária. Leitura Crítica*. Tradução por Olinda Maria Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida. [Liquid life]* Tradução por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Tradução Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto/UERJ, 2005, vol. I.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do humano. Compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. São Paulo: Alternativa, 1999.

BUBER, Martin, *Do diálogo e do dialógico* Col. Debates. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1992.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. Tradução por Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

DURAND, Gilbert. *O imaginário, Ensaio acerca das ciências e da filosofia da*

*imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

DUSCHATZKY, Silvia, SKLIAR, Carlos. «O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação» (org.) LARROSA, Jorge. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FAME NDONGO, Jacques. *Ils ont mangé mon fils*. Douala, (Cameroun): Presses universitaires de Yaoundé, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. por Maria Adriana da Silva Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FORGET, Danielle. “L’ Altérité revisitée”. In OLIVEIRA, Humberto L. L. de.

FORGET, Danielle. (orgs). *Imagens do Outro: leituras divergentes da alteridade*. Feira de Santana: UEFS, 2001.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Tradução do alemão por Renato Zwick. Revisão técnica e prefácio de Edson Sousa. Porto Alegre: L PM Pocket, 2017.

FROMM, Erich. *A Revolução da Esperança*. São Paulo: Círculo do Livro, 2005 [1969].

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas:Papyrus, 2001.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Tradução por Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

KHAÏR-EDDINE, Mohammed. *Il était une fois un vieux couple heureux*.Paris: Seuil, 2002 [1993].

LIMA DE OLIVEIRA, H.L. *la perception de l’"autre" à Travers Ashini (1960) D’Yves Theriault au Canada, Tenda dos Milagres (La boutique aux micacles, 1969) de Jorge Amado au Brésil et L’espérance-Macadam (1995) de Gisèle Pineau aux Antilles*. <http://www.theses.fr/2009ARTO0009> (acesso em 10.08.2020)

LÖWY, Michael. *Messianismo e utopia no pensamento de Martin Buber e Erich Fromm*. WebMosaica, 2009. V.1. n.1  
<<https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/9768/5561>> (acesso em 12.09.2020)

MACHADO, Álvaro; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria literária*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MORIN, Edgar. *A Cabeça bem feita. Repensar a reforma e reformar o pensamento*. 5 ed. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2001.

OLIVEIRA, Humberto L. L. de. FORGET, Danielle. (orgs). *Imagens do Outro: leituras divergentes da alteridade*. Feira de Santana: UEFS, 2001.

OUSMANE, Sembène. *Xala*. Paris: Présence Africaine, 2008 [1973].

RAILLARD, Alice. *Conversações com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. In  
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4696.pdf>> (acesso em 10.08.2020):

STEINER, George. “*Alfabetização humanista*”. *Linguagem e silêncio. Ensaio sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WEIL, Simone. *L' Enracinement. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*. Paris: Folio, 2016 [Gallimard, 1949]